



## VIVENDO ENTRE DESEJOS E FALTA DE REPRESSÃO: o *Princípio de Prazer* celebrado por Dalton Trevisan em *O Vampiro de Curitiba*

Patricia Maria dos Santos Santana<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo procura fazer um estudo da obra *O vampiro de Curitiba* do escritor Dalton Trevisan no que tange a questão do *princípio de prazer* levantada por Sigmund Freud. O personagem Nelsinho mostra-se solto e livre em seu universo curitibano, vivendo sem medo de represálias ou qualquer espécie de trauma, fazendo da escrita do livro uma celebração da fase inicial e despudorada do comportamento humano.

**Palavras-chave:** Prazer. Comportamento. Erotismo. Trevisan.

*Entre mim e mim, há vastidões bastantes  
para a navegação dos meus desejos afligidos.*  
Cecília Meireles

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nascido em Curitiba em 1925, Dalton Gerson Trevisan formou-se em direito. Contudo, abandonou a profissão rapidamente. Trabalhando na fábrica da família, ele foi vítima de um acidente grave que o levou ao hospital por um mês. Tal ocorrência desencadeou sua vida literária: ainda sob o efeito do medo de morrer, escreveu sua primeira novela. Em 1946, fundou a revista literária *Joaquim*. Além de apresentar traduções de Proust, Joyce e Kafka, a publicação reunia ensaios assinados por Antonio Candido, Mário de Andrade e Otto Maria Carpeaux.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela UFRJ. Especialista em Língua Inglesa e em Docência do Ensino Superior. Mestra em Letras e Ciências Humanas. Doutoranda em Literatura Comparada pela UFRJ.

Em 1959, a editora José Olympio publica suas *Novelas Nada Exemplares*. Com o passar do tempo, as histórias de Trevisan se tornam cada vez mais curtas e sua linguagem, mais breve e concisa. Nesse estilo cada vez mais condensado, muitos de seus personagens são chamados simplesmente de João e Maria, uma vez que representam ao mesmo tempo qualquer pessoa e cada um de nós. Entre seus outros escritos acham-se *Guerra Conjugal* (1969), *A Polaquinha* (1985) e *Pico na Veia* (2002).

*O Vampiro de Curitiba* (1965) talvez seja o livro mais renomado de Dalton Trevisan. Dedicando-se exclusivamente ao conto (ele só teve um romance publicado intitulado *A Polaquinha*), Dalton Trevisan acabou se tornando o maior nome do gênero no Brasil. Em 1996, recebeu o prêmio Ministério da Cultura de Literatura pelo conjunto de sua obra, porém Trevisan continua recusando a fama. Cria uma atmosfera de suspense em torno de seu nome que o transforma também num enigmático personagem. Não cede o número do telefone, assina apenas ‘D. Trevis’ e não recebe visitas - nem mesmo de colegas consagrados. Enclausura-se em casa de tal forma que mereceu o apelido de “Vampiro de Curitiba”, título de um de seus livros. O autor guarda informalmente o codinome de vampiro desde 1965, quando publicou o metafórico livro - desde então, o escritor paranaense alimenta a lenda em torno da própria figura envolta pelo mistério da reclusão.

O livro é composto de quinze textos pequenos cheios de erotismo e questões existenciais. Tudo sempre inteligente e recheado de humor, muitas vezes negro. É uma obra que se fragmenta, mas que cada unidade tem autonomia em relação às outras, e que inaugura uma poética do vampirismo. Contudo, as ações não ultrapassam as fronteiras que as separam, podendo ser lido normalmente como um livro de contos.

## 1. VIVENDO LIVRE E SEM A REPRESSÃO DO SUPEREGO

Nelsinho é o herói do livro. Ele é um vampiro despidorado, um “sugador” de fêmeas no sentido erótico da palavra. Um herói com sua tara, que logo na primeira parte do livro revela a sua maldição: ele ama as fêmeas, pois é louco por elas. Uma verdadeira obcecação. Assim, as mulheres servem como elementos aglutinadores das histórias do livro. E o próprio Nelsinho é quem se revela ao leitor ao mencionar a sua tara descomunal. Atormentado pelo desejo carnal, o herói se dilacera em sua busca constante. Alguns contos têm como cenário a cidade de Curitiba. O narrador menciona lojas, ruas, igrejas, botequim. Não há *flashbacks*, pois Nelsinho tem idade diferente nos contos e eles não estão em ordem cronológica. Trevisan trabalha uma narrativa cheia de peso erótico, dando vida e alma ao seu vampiro “devorador” de fêmeas indefesas e também daquelas que já sabem se defender. Seu erotismo se dá num limite entre o erótico e o grotesco, com palavras de baixo calão e muita vulgaridade, muitas vezes misturando o erótico com a pornografia eschachada:

Uma das distinções mais corriqueiras que se fazem entre os dois fenômenos refere-se ao teor “nobre” e “grandioso” do erotismo, em oposição ao caráter “grosseiro” e “vulgar” da pornografia. O que confere o grau de nobreza ao erotismo é, para os defensores dessa distinção, o fato de ele não se vincular diretamente à sexualidade, enquanto a pornografia exibiria e exploraria incansavelmente esse aspecto. (BRANCO, 1984, p. 19)

Susan Sontag revisita a utilização do termo pornografia aplicado à literatura em que defende a consideração da literatura pornográfica como um gênero literário sendo “*um corpo de obras pertencentes à literatura considerada como uma arte, e ao qual concernem padrões inerentes de excelência artística*” (SONTAG, 1987, p.41). O uso de um personagem maduro, bonito, louco por sexo e mulheres contribui, também, para uma necessária manutenção de um estado psicológico superficial próprio da literatura pornográfica tradicional. A construção da pornografia literária de Trevisan no livro parece possuir uma intenção de um retorno ao *princípio de prazer*, ou seja, aos momentos iniciais de nossas vidas onde nada era proibido, pecaminoso ou grotesco. É justamente nessa fase que nos encontramos longe do crivo social que só começa a nos moldar com a introdução do *princípio de realidade*. Os sacrifícios que a vida social nos exige causam um mal-estar já classificado por Freud e, sobre isso, Rouanet (1993) nos explica a pressão da realidade exterior, da autoridade externa:

Para Freud, esse mal-estar, *Unbehagen*, é o desconforto sentido pelo indivíduo em consequência dos sacrifícios pulsionais exigidos pela vida social. No plano erótico, ele abre mão do incesto em benefício da sexualidade exogâmica, da “perversidade polimorfa” em benefício da genitalidade, e da promiscuidade em benefício da monogamia. E abdica da gratificação indiscriminada dos seus impulsos agressivos. Essas renúncias são em parte impostas pela autoridade externa. E em parte pela ação da autoridade externa introjetada, o Superego, continuação endopsíquica do pai e dos seus sucedâneos no mundo adulto. As pulsões sexuais são parcialmente sublimadas, transformando-se em ideais coletivos, e as agressivas, recalçadas, são transferidas ao Superego, que as dirige contra o próprio indivíduo, sob a forma de sentimento de culpa. Este aumenta, portanto, com cada sacrifício da pulsão agressiva, em vez de diminuir. Eis o mal-estar: frustração e culpa (...) (ROUANET, 1993, p. 96)

Nelsinho, o personagem principal do livro, não renuncia à gratificação imediata de seus impulsos libidinais, uma vez que nenhuma autoridade externa lhe é imposta e, assim, ele se vê sempre entregue ao *princípio de prazer*. Freud tentou compreender a realidade e como nos relacionamos com ela. Freud chama de *princípio de prazer* os processos primários do desenvolvimento humano, em que o sujeito busca a obtenção de prazer. Caso haja um desprazer, a atividade psíquica se recolhe e a este movimento de recolhimento Freud irá chamar de *recalque*.

O *princípio de prazer* é o desejo da gratificação imediata. Tal desejo conduz o indivíduo a buscar o prazer e evitar a dor. O *princípio de prazer* opõe-se justamente ao princípio de realidade, o qual caracteriza-se pelo adiamento da gratificação. Faz parte do amadurecimento normal do indivíduo aprender a suportar a dor e adiar a gratificação. Ao fazer isso, o indivíduo passa a reger-se menos pelo *princípio de prazer* e mais pelo *princípio de realidade*. Infelizmente, nem tudo que desejamos podemos satisfazer, pois a realidade que se serve de regras morais, cultura, tradição, costumes, regida pelo *princípio de realidade*, impede que o desejo seja satisfeito da maneira plena. Nesse sentido, este princípio é uma atividade psíquica, que abdica da imaginação, da fantasia, e concebe o real com todas suas possíveis consequências desagradáveis.

Os contos curtos de Trevisan são diretos, objetivos e muitas vezes criam uma espécie de mitologia de sua cidade natal que é Curitiba. A possibilidade de se ver em Nelsinho o alterego de Trevisan não é descartada no livro, até mesmo porque a alcunha de vampiro do autor está relacionada ao personagem. No momento em que Trevisan escreve as linhas de sua obra é como se ele fosse o próprio vampiro Nelsinho. Só assim, o autor pode voltar ao seu passado, à sua cidade e retomar comportamentos ou relacionamentos, desamarrando-se de quaisquer regras que o regulam ou qualquer sentimento de culpa.

## 2. O PRINCÍPIO DE PRAZER NO VAMPIRO

Nelsinho gosta de sentir prazer. Ele é tarado, curioso e insaciável. Ele é assim e sempre foi desse jeito em toda a sua vida. Ele faz o que quer e isso caracteriza, pois, a fase inicial de nossa relação com o desejo, com a pulsão de Eros, onde nada é feio, grotesco ou deve ser reprimido, uma vez que nesse momento ainda não temos a repressão do *Superego* para nos punir na luta com a consciência. No livro, o texto é direto, explícito no que se refere à descrição dos desejos sexuais. Por diversas vezes, a sociedade aceita melhor o pornográfico por ele não misturar o amor puro com o sexo. Nesse momento, o autor subverte mundos. Nelsinho é louco por mulheres e, sem qualquer tipo de remorso ou dor, joga-se desenfreadamente em direção ao seu intento que é a conquista de mais e mais mulheres curitibanas. Por parecer não ter um *Superego* bem trabalhado, Nelsinho é desprovido de qualquer tipo de sentimento de culpa em relação às mulheres conquistadas, ou melhor, em relação às suas presas abatidas, daí uma falta total do *princípio de realidade* que é fundamental para regular as nossas pulsões em sociedade.

Nelsinho é o protagonista de todos os contos. Ao longo do livro, Nelsinho percorre uma tortuosa caminhada, com o objetivo de saciar-se sexualmente com as beldades que encontra nas ruas de Curitiba. Sempre age como um tarado insaciável, um voyeur incontido que profere "*não quero do mundo mais que duas ou*

três só para mim". O Vampiro de Curitiba nos leva exatamente ao dia-a-dia das artimanhas de um personagem tarado e sem freio, o vampiro personagem dos quinze contos do livro. Um curitibano que segue e assedia velhinhas, senhoras respeitáveis, virgens e prostitutas, agoniado e indeciso entre aquela que “molha o lábio com a ponta da língua para ficar mais excitante”, a viúva toda de preto com joelho “redondinho de curva mais doce que o pêssego maduro”, a “casadinha” que vai às compras ou a normalista.

Enfim, nenhuma delas foge ao fervor de Nelsinho, que, ora bem-sucedido ora nem tanto, vai deixando, nas ruas corrompidas de Curitiba, as marcas em suas vítimas. Seus contos, quase todos ambientados em sua cidade natal, Curitiba (o conto *Visita à professora*, é ambientado em São Paulo) estão impregnados de suspense. Em relatos breves, o autor revela o cotidiano da degradação humana em uma linguagem direta. No livro, nós verificamos uma linguagem coloquial e certo predomínio do discurso direto - tudo isso enfatiza a proposta de um livro de fácil entendimento, com termos vulgares como “grande cadela”; com a presença de diminutivos como “safadinha”, “taradinha”, “casadinha” e com muitas frases incompletas, mas de fácil compreensão (“Ai, eu morro só de olhar para ela, imagine então se.”).

Durante as suas descrições sexuais, Nelsinho não mostra uma preocupação com o certo ou com o errado, ele age de acordo com aquilo que lhe dá vontade, preocupando-se com a sua satisfação imediata. Também segue o impulso da possibilidade excitante de conhecer algo novo. Nelsinho representa a falta do dever e da moral, a falta de compromisso com qualquer princípio ou regra, a procura do prazer absoluto sem preocupar-se com qualquer coisa que esteja dentro do universo que o cerca. Um exemplo claro da sua conduta observamos no seguinte trecho, ao desejar se aproveitar de uma virgem:

Ai, me dá vontade até de morrer. Veja só a boquinha dela como está pedindo beijo - beijo de virgem é mordida de taturana. Você grita vinte e quatro horas e desmaia feliz. É das que molham os lábios com a ponta da língua para ficar mais excitante (...). Se eu fosse me chegando perto, como quem não quer nada - ah, querida, é apenas uma folha seca ao vento - e me encostasse bem devagar na safadinha. (TREVISAN, 1974, p.11)

Nelsinho é a representação clara do *princípio de prazer*, dessa fase inicial de nossas vidas onde experimentamos as coisas do mundo e vivemos em função dos nossos impulsos.

### 3. NELSINHO TREVISAN

Nelsinho, o vampiro, é o personagem que transita por todos os contos, dando unidade ao livro. Obcecado por sexo, ele transita por Curitiba em busca de

suas vítimas. Aos olhos do leitor vai se mostrando o quadro de uma cidade decadente. Cidade em que se esconde um vampiro no fundo de cada "filho de família", conforme ironiza o próprio protagonista do livro. A Curitiba de Nelsinho é o ambiente de sedução de um vampiro que se vê seduzido pelos braços e pernas de uma sensual garota de outdoor, talvez uma virgem, e que, ao mesmo tempo, lança-se ao lado mais podre do domínio carnal, ou seja, o quarto de um bordel ao lado de uma velha prostituta banguela. O Drácula brasileiro faz jus ao local onde vive. Ele é decadente também. Ele é vulgar e cafajeste. Nelsinho é reflexo da repetição dos seus atos e de sua obsessão, que servem somente para agravar a sua solidão. E no momento que se vê só, o vampiro solitário suplica: *"Tem piedade, Senhor, são tantas, eu tão sozinho"* (p.13).

Se traçarmos uma abordagem psicanalítica da obra, nós veremos o quão importantes são os processos de desejo, endeusamento ou rebaixamento do garanhão vampiresco. Eni Orlandi ressalta que *"todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa. Nas palavras do sujeito"* (ORLANDI, 2005, p. 38). Mais adiante, a autora relata que não há discurso que não dialogue com outros discursos:

Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estágio de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis (ORLANDI, 2005, p. 39).

Orlandi também enfatiza que o sentido que se tem do discurso parte de uma relação do sujeito com a sua história ao esclarecer que não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia. A ideologia e o inconsciente estão materialmente representados pela língua. Nesse momento, devemos considerar não apenas as nossas falas, como também o que vamos obter como interpretação acerca do que proferimos. *"O sexo é a verdade mais recôndita, portanto é aquilo que deve ser trazido à luz do dia afim de que a verdade sobre o indivíduo possa ser reconhecida"* (ARAÚJO, 2001, p. 123). É preciso que saibam do lugar desse sujeito que a partir de agora não terá mais motivos para ficar em segredo. Foi o exercício de confessar os mais íntimos detalhes de seu desejo que levou Nelsinho a descobrir sua verdade e passar a ter o seu próprio governo.

Segundo Foucault (2006, p. 145), a escrita apresenta um papel bem próximo ao da confissão. Ao olhar para a sua própria sexualidade, confessando-a, o indivíduo está em um momento de sujeição, constituindo-se como sujeito, mas numa relação de si para si. O ato de confessar estabelece uma relação de poder e o sujeito passa a confessar cada vez mais. É o caso do vampiro que ronda Curitiba. Trevisan faz do livro um espaço de circulação de seus desejos e aflições. Certos críticos defendem que o erotismo está relacionado à realidade psicológica do

indivíduo que escreve na forma erótica, ficando impossível analisá-lo fora da dualidade existente entre a consciência e a inconsciência. O papel que o erotismo ocupa na sociedade fica confuso não só do ponto de vista de sua justificativa moral, como também das motivações que o acarretam. Em seu livro *O Erotismo*, Georges Bataille (1987) apresenta análises dos aspectos fundamentais da natureza humana, tecendo o limite entre o natural e o social, o humano e o não humano. O erotismo representa um tipo de religião, porém, sem os dogmas das religiões oficiais. Uma experiência erótica interior verdadeira pressupõe a consciência da oposição entre interdição e transgressão, além de uma vivência dessa oposição. A transgressão é, para Bataille, a desordem organizada, na medida em que introduz num mundo organizado algo que o ultrapassa. Trevisan cria, por intermédio do erotismo, formas de enfrentar a desordem social vista como modelo, como padrão. Bataille diz que essa transgressão é que dá os contornos de uma nova definição social:

Se a transgressão propriamente dita, opondo-se ao desconhecimento do interdito, não tivesse esse caráter limitado, ela seria uma volta à violência - à animalidade da violência. Mas não é isto, na realidade. A transgressão organizada forma com o interdito um conjunto que define a vida social (BATAILLE, 1987, p. 61).

Em *História da sexualidade – a vontade de saber*, o primeiro de uma série de três livros, Michel Foucault versa sobre a sexualidade humana como sendo uma categoria que produz múltiplos discursos e incitando a que todos dela falem, ainda que prevaleçam, em alguns momentos, muitos silêncios e interditos sobre o tema. A sexualidade se mostra marcada pelas relações de poder dos gêneros e não, necessariamente, de classes. A burguesia e a igreja católica definiram uma sexualidade normatizada em função do bem-estar da família. Com essa sexualidade cheia de regras de bom comportamento, criou-se uma verdade indiscutível, uma espécie de guia para uma sexualidade tranquila. Ameaças que surgissem de sexualidades fora dos padrões de normalidade impostos eram caracterizadas como importunas à tranquilidade social, merecedoras, portanto, de punição.

Foucault aponta nesse tomo que a literatura cumpre um papel importante no que concerne à confissão, à busca do inatingível através das palavras pelo fato de o homem do ocidente ter se tornado um animal confidente. A literatura torna-se mesmo uma forma de filosofar:

(...) de um prazer de contar e ouvir, dantes centrado na narrativa heróica ou maravilhosa das “provas” de bravura ou na santidade, passou-se a uma literatura ordenada em função da tarefa infinita de buscar, no fundo de si mesmo, entre as palavras, uma verdade que a própria forma da confissão acena como sendo o inacessível. Daí, também, essa outra maneira de filosofar: procurar a relação fundamental com a verdade, não simplesmente em si mesmo – em

algum saber esquecido ou em um certo vestígio originário – mas no exame de si mesmo que proporciona, através de tantas impressões fugídias, as certezas fundamentais da consciência. A obrigação da confissão nos é, agora, imposta a partir de tantos pontos diferentes, já está tão profundamente incorporada a nós que não a percebemos mais como efeito de um poder que nos coage; parece-nos, ao contrário, que a verdade, na região mais secreta de nós próprios, não “demanda” nada mais que revelar-se; e que, se não chega a isso, é porque é contida à força, porque a violência de um poder pesa sobre ela e, finalmente, só se poderá articular à custa de uma espécie de liberação. A confissão libera, o poder reduz ao silêncio; a verdade não pertence à ordem do poder, mas tem um parentesco originário com a liberdade (FOUCAULT, 1984, p. 59-60).

O livro é uma forma de Trevisan e Nelsinho confidenciarem suas intimidades sexuais e filosofarem através da confissão, afrontando a ideia conservadora da sociedade capitalista que subverte prazer e poder e faz do sexo uma forma de repressão. Assim, criador e criação privilegiam o fato de o sujeito contemporâneo fazer valer novas estratégias de enfrentamento capazes de criar um contra-poder e fazer o homem resistir aos modos de sujeição impostos por quaisquer mecanismos repressivos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao relatar um desejo íntimo e incontido, o texto mostra o jogo do autor para se desfazer os limites da consciência moral que nos é imposta socialmente. O livro é uma abertura ao prazer desenfreado e sem vergonha. O vampiro é Trevisan e pode ser também cada rapaz de Curitiba ou de todo Brasil. É como se qualquer um pudesse ser o perfeito dono daquelas palavras escritas. A mensagem está por trás da obra. O desejo, ou seja, a pulsão de Eros é o que existe de mais latente em nós.

O vampiro de Trevisan é mesmo a melhor criatura para narrar e escrever a obra, experimentando e vivendo cada palavra do que foi dito e não dito. Se a infelicidade é para o homem algo mais fácil de encontrar que a felicidade (FREUD, 1997), Nelsinho ignora a infelicidade, seguindo a sua vida confiando em seu discurso e em seu poder de sedução, não mostrando conflito e não acreditando que está infringindo qualquer lei. Por não se mostrar consciente de estar entregue ao *princípio de prazer*, Nelsinho despreza qualquer pressão do *Superego* justamente por não tê-lo bem estabelecido em sua própria formação como ser humano.

Nelsinho é acima de tudo livre e, nesse caso, a esperança de salvação ou o temor da condenação pouco importa ao vampiro que ele é. Nelsinho não se prende a nada e se convida a experimentar o prazer sem medo, celebrando eternamente o



*princípio de prazer*, essa sedutora fase inicial do homem onde a pulsão de Eros está acima de qualquer coisa.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Inês Lacerda. **Foucault e a crítica do sujeito**. Curitiba: Ed. UFPR, 2001.
- BATAILLE, George. **O Erotismo**. Porto Alegre: LP&M, 1987.
- BRANCO, Lúcia Castello. **O que é Erotismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: MOTTA, M. B. (org). **Michel Foucault: Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- \_\_\_\_\_. **História da sexualidade I**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1984.
- FREUD, Sigmund. **O Mal-estar na Civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005.
- ROUANET, Sergio Paulo. **Mal-estar na Modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SONTAG, Susan. A imaginação pornográfica. In: **A vontade radical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- TREVISAN, Dalton. **O Vampiro de Curitiba**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

## Abstract

This article aims at analyzing the work *O vampiro de Curitiba* written by Dalton Trevisan concerning to the point of the *principle of pleasure* defended by Sigmund Freud. The character called Nelsinho shows himself loose and free in his Curitiba world, living without any fear of reprisal or trauma, making of the writing of the book a celebration of the initial and shameless phase of the human behavior.

**Key Words:** Pleasure. Behaviour. Erotism. Trevisan.

**Recebido em 07 de dezembro de 2012; aprovado em 17 de dezembro de 2012.**